

ITAMARATY SE AFASTA DA POSTURA DE BOLSONARO E, EM TOM CAUTELOSO, EMBAIXADOR BRASILEIRO NO CONSELHO DE SEGURANÇA CRITICA ATAQUE À UCRÂNIA. RESOLUÇÃO CONTRÁRIA À INVASÃO FOI DERRUBADA PELO VOTO RUSSO

ONU: Brasil **condena ataque**

» MICHELLE PORTELA

Numa postura descolada daquela que vem adotando o presidente Jair Bolsonaro, o Brasil condenou a invasão da Rússia à Ucrânia, durante a reunião de ontem do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). A resolução de condenação recebeu 11 votos a favor e três abstenções. A moção, porém, não foi aprovada, pois o voto de qualidade da Rússia — que é membro permanente do colegiado, e também ocupa atualmente sua presidência — foi suficiente para rejeitá-la.

A posição brasileira era muito aguardada, já que o Ministério das Relações Exteriores vem adotando uma postura alinhada com Bolsonaro — que, por ter estado há poucos dias com Putin, tem se esquivado de criticar o presidente russo. Porém, no voto lido pelo embaixador brasileiro na ONU, Ronaldo Costa Filho, o Brasil se colocou contra a invasão à Ucrânia e a guerra entre os dois países.

"A integridade territorial e a soberania [dos países] não são palavras vazias. É nosso dever dar significado concreto a elas. Precisamos criar condições de diálogo enquanto garantimos que a invasão no território soberano seja inaceitável", condenou.

Costa Filho alertou que o mundo vive um momento "sem precedentes" e uma "violação à Carta da ONU". Por isso, segundo o embaixador, o Brasil está "profundamente preocupado" com a operação militar russa e alertou: "uma linha foi cruzada".

Ainda que não tenha usado palavras duras como os representantes dos Estados Unidos e do Reino Unido, para o representante brasileiro é importante retomar as negociações para pôr fim ao conflito. "Precisamos buscar caminhos para a paz na Ucrânia, não recuar nas negociações diplomáticas. As vidas de milhões estão sob ameaça. No fim, a paz precisa prevalecer", defendeu.

A resolução pedia que a Rússia "retirasse imediata, completa e incondicionalmente" as forças militares da Ucrânia e "revertesse" a decisão de reconhecer a independência das províncias de Donetsk e Luhansk, uma vez que "viola a integridade territorial". Votaram pela condenação ao ataque russo Albânia, Brasil, EUA, França, Gabão, Gana, Irlanda, México, Noruega, Quênia e Reino Unido. China, Emirados Árabes Unidos e Índia se abstiveram e Rússia foi contra.

> **Integridade territorial e a soberania não são palavras vazias"**
>
> ***Trecho do voto brasileiro lido pelo embaixador Ronaldo Costa Filho***

Pelo Twitter, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, agradeceu o voto brasileiro de condenação à Rússia

Pressão de Washington

Mais cedo, antes da votação no Conselho de Segurança, o ministro de Relações Exteriores, Carlos França, conversou por telefone com o secretário de estado norte-americano, Antony Blinken, em mais um movimento de pressão de Washington para que o Brasil assuma uma postura mais dura contra Moscou. O chanceler brasileiro escutou que os EUA consideraram insuficiente a nota emitida pelo Itamaraty, na última quinta-feira, na qual afirmava que "o Brasil não pretende contribuir para rufar os tambores da guerra".

ONU/Divulgação



Voto lido por Ronaldo Costa Filho não foi de veemente condenação à Rússia, mas mostrou reposicionamento diplomático

Trem rumo à Romênia é esperança de fuga

Depois de o Ministério das Relações Exteriores anunciar, na última quinta-feira, que não teria condições de ajudar na retirada dos brasileiros residentes na Ucrânia, a embaixada em Kiev deu, ontem, uma pequena esperança àqueles que desejam deixar o país. Na página da representação diplomática, anunciou vagas no trem que liga a cidade a Chernivtsi, na fronteira com a Romênia. Porém, o fez de forma desorganizada e com poucos detalhes, segundo relatos de brasileiros que moram na Ucrânia.

Isso porque as instruções e o aviso para o embarque foram publicados, na página da embaixada no Facebook, pouco tempo antes da partida do trem. Dessa forma, somente 20 pessoas teriam conseguido as vagas para fugir da iminente invasão russa de Kiev.

De acordo com o comunicado da representação brasileira, "haverá hoje (ontem) trem que partirá às 22h (17h pelo horário de Brasília) da Estação Central de Kiev com destino à cidade de Chernivtsi". O texto traz, ainda, que "caso considerem que a situação de segurança em suas localidades o permita, cidadãos brasileiros e latino-americanos registrados junto à embaixada poderão dirigir-se à estação".

O comunicado destacou, também, que "a situação de segurança e de disponibilidade de transporte na cidade é instável e sujeita a mudanças repentinas, de modo que não é possível garantir a partida ou lugares suficientes". Segundo a representação, quem tiver interesse em ir embora da Ucrânia deve se apresentar à administração da estação — que, segundo a nota, está avisada para a chegada de brasileiros — na plataforma 5 e embarcar em qualquer vagão.

Porém, relatos de quem chegou à fronteira da Ucrânia com a Romênia — são mais de 11 horas de viagem — dão conta de que não existem locais de hospedagem. E que a fila para validar a entrada no país vizinho é grande.

As autoridades brasileira em Kiev avisaram que a prioridade é para mulheres, crianças e idosos. Mais: alertaram que não garantem a segurança dos brasileiros que decidirem fazer o trajeto rumo à fronteira romena. Isso porque os russos também estão atacando pelo ar e o trem corre o risco de ser atacado pelo ar ou ser bloqueado pelas tropas em avanço no território ucraniano.

"Os cidadãos que decidirem escolher essa viagem o farão por conta e risco próprio. A embaixada terá condições mínimas de prestar ajuda durante o trajeto até a fronteira com a Romênia", adverte a nota. **(MP com Fabio Grecchi)**

Aviso para "descer" do muro

» LUANA PATRIOLINO

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Koneff deu o tom que quer de Bolsonaro: de condenação à Rússia

Incomodados com a falta de clareza do Brasil sobre o ataque à Ucrânia, embaixadores da União Europeia, de países das Américas e do Japão cobraram, ontem, uma "condenação veemente" do presidente Jair Bolsonaro. E alertaram: "ignorar a situação" pode gerar futuras ameaças a outras nações.

Douglas Koneff, encarregado de negócios da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, não usou de meias palavras para deixar claro que a omissão de Bolsonaro é prejudicial. "Não é tempo de ficar no muro. Todos os países devem condenar o ataque. A voz do Brasil importa. Temos confiança de que o Brasil vai fazer o correto", cobrou.

A reunião entre os embaixadores precedeu um encontro deles com representantes do Ministério das Relações Exteriores (MRE). O representante da União Europeia, Ignacio Ybañez, avisou: o Brasil, por ser membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas, não pode se esconder na neutralidade. "Estamos passando uma mensagem muito clara ao governo brasileiro, que tem a responsabilidade grande por estar no Conselho de Segurança", alertou.

"Esse não é só um problema europeu, é um problema internacional. Se ignorarmos, agora, uma agressão como essa, no futuro o mesmo pode ocorrer na Ásia ou na América Latina", argumentou o embaixador japonês, Teiji Hayashi

Heiko Thoms, representante da Alemanha, foi enfático ao afirmar que Bolsonaro deve ser explícito. "Precisamos de uma condenação clara e unânime de todas as nações membros da ONU, incluindo o Brasil", cobrou.

Sanções comerciais

Mas, nos bastidores do Itamaraty, a postura permanece sendo de condenar os ataques, mas sem fechar diálogo com Moscou. Isso porque o temor é que uma condenação veemente pode levar o presidente Vladimir Putin a mandar suspender acordos bilaterais e impor sanções às mercadorias brasileiras que fazem parte da pauta comercial entre os dois países.

Bolsonaro, porém, não deu qualquer indício de que vá abandonar a postura que adotou até agora. Sua única manifestação foi, na live da última quinta-feira, ao lado do chanceler Carlos França, uma crítica irritada com a opinião do vice-presidente Hamilton Mourão — que condenou a invasão, comparou Putin ao ditador nazista Adolf Hitler e que não basta impor sanções econômicas aos russos, mas que se deve agir militarmente contra eles.

Agressão à democracia, diz Tkach

» TAÍSA MEDEIROS

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Representante da Ucrânia cobrou do Brasil sanções à Rússia

A falta de contundência do governo do presidente Jair Bolsonaro à invasão russa recebeu, ontem, severas críticas do encarregado de Negócios da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach. Segundo ele, não se trata mais de "apoiar um país ou outro", mas de uma violação à Carta das Nações Unidas e uma agressão aos princípios democráticos.

"Estamos observando uma violação do direito internacional e a própria Carta das Nações Unidas. Isso já quer dizer que a situação não é apoiar um país ou outro. A situação é estar a favor dos valores democráticos", disse.

Na reunião com diplomatas de várias representações em Brasília, Tkach pediu para que os países mostrem solidariedade com os ucranianos impondo sanções à Rússia e ajudando na resistência ao invasor.

"Apoio à Ucrânia com armas, equipamentos de proteção, combustíveis e fornecer o apoio financeiro. Apreciamos as sanções já impostas pela União Europeia, Austrália, Canadá, especialmente as sanções muito fortes que já foram impostas por Estados Unidos e Reino Unido, que estão prejudicando severamente a economia russa. Pedimos que o mundo reforce ainda mais essas sanções", salientou.

Tkach ressaltou a importância do Brasil num processo de retomada da paz. Para ele, é preciso que o país também imponha sanções econômicas à Rússia e se una aos demais países na condenação à guerra.

Segundo Tkach, a ofensiva russa contra a capital ucraniana, Kiev, causou a morte dos quatro civis e ferimento de outras 15 pessoas. Mas, conforme disse, o ataque do invasor está sendo indiscriminado e atingindo locais que deveriam ser preservados.

"Um dos mísseis atingiu um orfanato nas proximidades de Kiev, com 50 crianças dentro. Por sorte, não tivemos informações de mortes", comentou. Tkach assegurou que os russos perderam cerca de mil soldados até agora, além de 80 tanques e 516 blindados.

O representante ucraniano também se mostrou preocupado com a tomada da área da central nuclear de Chernobyl, que em 1986 foi palco de um dos maiores desastres nucleares do século 20. Conforme Tkach, o aumento nos índices de radiação mostra que os russos praticam alguma espécie de manipulação do local. "Só podemos acreditar que o aumento do nível (da radiatividade) foi causado pelo movimento dos armamentos pesados", relatou.